

INSEGURANÇA NO CAMPUS

'A Ufal precisa de um posto permanente da polícia'

Reitor da Universidade Federal de Alagoas, Eurico Lôbo destaca que a comunidade acadêmica quer mais tranquilidade

FELIPE FARIAS
REPORTER

Amanhã, o pró-reitor estudiantil, Pedro Nelson, terá reunião para tratar da segurança, um dos pontos do processo de transferência dos estudantes da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) que hoje vivem na residência universitária, na Praça Sinimbu. A informação foi prestada à *Gazeta* pelo reitor Eurico Lôbo, ao falar de temas que têm marcado uma das pautas de discussões da instituição: ações violentas no campus e cobranças da comunidade acadêmica. Nesta entrevista, ele fala dessa questão e de temas como interiorização, Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH) e transferência do atendimento da Santa Mônica para o Hospital Universitário (HU).

Gazeta. Após os casos mais recentes de violência, com mais ocorrências de invasão de salas de aula por bandidos, a Ufal foi cobrada para melhorar a segurança no campus. Uma das propostas foi a implantação de uma guarda universitária. Isso será implantado?

Eurico Lôbo. Na verdade, essa figura de guarda universitária não existe. Dentro da estrutura, entre as funções no serviço público do governo, não existe. O que existiu no passado eram os vigilantes, que tinham a prerrogativa de fazer a fiscalização dos prédios públicos. Mas esses quadros foram extintos no serviço público.

Não poderia ser criado, já que existe uma demanda?

Não, absolutamente. Às vezes, a gente encontra aqui e lá, nas manifestações de estudantes e de outros segmentos, falarem sobre guarda universitária. Mas é um quadro extinto. Não existe a função "guarda universitária" no País. Volto a dizer: o que havia eram os vigilantes que, por sua vez, estão sendo extintos do quadro da universidade. Em algumas universidades que ainda os têm, nós vemos um processo em que, mais cedo ou mais tarde, também serão extintos. A medida em que esse pessoal vai se aposentando, o cargo desaparece. Portanto, não existe nenhuma possibilidade de que isso venha a acontecer.

Então, o que deve ocorrer daqui para a frente em termos de medidas de segurança para estudantes, professores e para o campus? Continuidade da presença da PM, alguma outra estrutura que a substitua?

Na verdade, esses nossos conta-

tos junto ao governo do Estado, em particular, a Secretaria de Defesa Social foi, inclusive, atendendo a um pleito da comunidade universitária, que via a necessidade de que fizéssemos uma intervenção junto ao governo para que ele fizesse aquilo que é de seu dever constitucional – e um direito do cidadão. Porque a segurança do cidadão, esteja ele dentro ou fora da universidade, é um dever do Estado. Portanto, eu fui, junto ao governo, nada mais do que pedir um olhar especial para dentro do campus da universidade. Porque aqui circulam, aproximadamente, 30 mil pessoas todos os dias. E nós não somos uma ilha fora do contexto social. É um contexto que nós estamos vivendo, seja em Maceió, no interior ou no País como um todo. Nós temos exemplos das mais diferentes universidades, em que a situação não é diferente. O que nós precisamos é que a comunidade acadêmica como um todo, estudantes, professores, servidores possam vivenciar um espaço de tranquilidade. Com o direito de ir e vir. E o nosso bem maior, as pessoas, precisa estar seguro.

Na prática, haverá mais medidas?

Neste momento, o Estado atendeu de imediato. Na última semana, nós tivemos rondas policiais. Nós tivemos a cavalaria. A solicitação nossa é para que tenhamos um posto permanente dentro da universidade. A exemplo da maioria das universidades públicas pelo País. Talvez, a Ufal seja uma das poucas que ainda não tem. Se você for ao vizinho [Estado de] Pernambuco, você vai encontrar; vai encontrar em Minas Gerais, na UFMG; vai encontrar na USP, na UFRJ. O que a gente quer é que a comunidade possa transitar aqui dentro, possa estudar, possa fazer seus trabalhos de pesquisa com tranquilidade. Portanto, o que eu estou pedindo é que o Estado cumpra um papel constitucional que é dele.

Como o senhor definiria a situação do campus, hoje, em termos de segurança?

Eu digo sempre: eu não sou especialista e essa questão de segurança tem que ser tratada por especialista. A gente encontra milhões de soluções. Mas, na verdade, se essas soluções fossem fáceis, nós não viveríamos nesse mundo tão violento. A universidade está encravada numa região que tem um contexto social muito duro. A universidade tem participado de processos de extensão, os mais diversos, no entorno do campus. A vida toda, nós tivemos uma relação

EURICO LÔBO
REITOR DA UFAL

"O que nós precisamos é que a comunidade acadêmica como um todo, estudantes, professores, servidores possam vivenciar um espaço de tranquilidade. Com o direito de ir e vir. E o nosso bem maior, as pessoas, precisa estar seguro"

amigável com o entorno como um todo. Mas é evidente que esse processo de crescimento da insegurança e da violência é nacional. E, para isso, é mais do que necessário que a universidade esteja atenta também. Nós temos grupos de pessoas que estudam isso do ponto de vista das intervenções de suas pesquisas ou de extensão. Mas existem limites. A partir dos quais os problemas nós não somos capazes de resolver. Portanto, essa demanda junto ao governo. Eu penso que os resultados que começam a aparecer são muito satisfatórios. Nas redes sociais, há várias manifestações favoráveis a essas medidas.

Mas houve também muitas manifestações contrárias.

Evidente que, em relação a medidas dessa natureza, nós temos sempre pessoas e grupos que são contrários. É natural. Nós estamos num estado plural. Num Estado Democrático, em que as pessoas podem se colocar livre e abertamente. Mas o que temos visto são inúmeras enquetes que estão sendo feitas. E eu começo a receber algumas delas. E eu mesmo fico surpreso pela quantidade de respostas que dizem que já deveria ter sido feito isso há mais tempo. Aqui, nós não estamos absolutamente numa relação de confronto, entre prós e contras. O objetivo não é este. O objetivo é dar mais tranquilidade àqueles que transitam dentro da universidade. Evidente que temos também feito intervenções junto ao governo municipal. Temos tido um apoio muito expressivo da prefeitura, na pessoa do prefeito Rui Palmeira. Temos pedido a ele maior iluminação no entorno do campus, poda de árvores, o asfaltamento das ruas do entorno. Associado a isso, nós estamos fazendo um projeto de redimensionamento dentro do campus, para que a circulação seja feita de forma mais segura. Estamos ampliando a iluminação no

campus. Aumentamos recentemente, através de um processo licitatório, a quantidade de vigilantes. Acho que discutir segurança é algo pertinente, dentro da universidade, aos estudantes e professores. Mas é, sobretudo, algo que diz respeito ao Estado.

Pela extensão, pela importância como instituição, a Ufal tem uma presença muito forte em todas as questões que dizem respeito a Alagoas. Em relação à segurança, por exemplo, foi como objeto de estudos e, agora, como vítima do problema. E, em especial, na saúde – e, nesta, de maneira bem prática. O Hospital Universitário, mais uma vez, está sendo solicitado a suprir o atendimento da Santa Mônica. Como a Reitoria está acompanhando isso?

Essa é uma questão muito importante: a intervenção do nosso Hospital Universitário dentro do contexto da saúde em Alagoas. Nós vivenciamos um processo muito longo que levou à criação da EBSERH, Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, [criada pelo governo federal para assumir os HUs]. E que está em pleno processo de consolidação. Já com edital na rua para contratação de 754 novos servidores, dos quais 193 médicos. Portanto, nós teremos um acréscimo fantástico do ponto de vista de médicos, de enfermeiros, de técnicos de enfermagem, de nutricionistas e outros. Isso tem o objetivo de ampliar serviços. Vamos ampliar leitos. Veja que a universidade não é um ente isolado. Ela tem uma participação muito expressiva, muito forte, dentro do contexto da sociedade. Eu diria que o Hospital Universitário seria, hoje, o principal acesso à saúde para a sociedade alagoana. Recentemente, houve uma demanda, em face ainda dos processos de reestruturação da Santa Mônica, a universidade foi chamada a atender a essa demanda e nós, prontamente, a assumimos, com o empenho que será necessário, apesar das dificuldades inerentes a isso. Nós temos profissionais extremamente qualificados, dedicados e que entenderam isso como um dever social muito grande.

Mas no início do processo de implantação da EBSERH houve muitos questionamentos. Ainda está havendo?

Hoje, praticamente 18 mil cargos novos foram criados, só com aquelas universidades que fizeram o processo de adesão com a EBSERH. Recentemente, nós tivemos um concurso para a EBSERH em Sergipe em que mais de cem mil pessoas se inscreveram. É um processo em curso,

Eurico Lôbo observa que a Ufal não é uma ilha fora do contexto social, e que, por isso, também sofre com a violência que cresce em torno do campus no Tabuleiro do Martins

com a decisão do governo. Ao se implantar a EBSERH, a universidade amplia serviço, amplia oportunidades. É natural que uma mudança dessa envergadura tenha aqui e lá alguns questionamentos. Mas foi um processo muito discutido e debatido. Evidente que alguns ainda não estão satisfeitos, mas isso faz parte do processo natural de uma sociedade.

A universidade está plenamente à vontade em dar essa contribuição, em relação a assumir os serviços que eram prestados na Santa Mônica?

É evidente que, quando você faz uma mudança dessa natureza, você tem dificuldades operacionais. Mas isso está sendo discutido com a direção do hospital. É evidente que, quando eu faço a referência, o faço em relação aos profissionais que veem isso como um dever da sociedade, um dever daqueles profissionais da saúde. Mas lógico que não é uma questão simples.

Mas volto a questionar: a universidade está mesmo à vontade para fazer tudo isso?

A universidade entende isso como dever e, portanto, a Ufal não pode dizer não, porque estaria em risco a saúde da população. E, para isso, o hospital estará sempre de portas abertas.

Que outros temas estão na pauta de prioridades, como preocupação ou enquanto projetos, neste momento?

A interiorização, que é um processo absolutamente vitorioso. A universidade tem, hoje, uma expansão que é presencial e que usa, também, a metodologia de educação à distância. Mas só na educação presencial é algo em torno de 5 mil alunos pelo interior. Arapiraca, com 19 cursos e estamos projetando para 2015 o início das atividades do curso de Medicina. E mais os cursos de Santana do Ipanema e de Delmiro Gouveia. E estamos projetando também para 2015 a ampliação para Porto Calvo. O projeto já foi aprovado e nós estamos centrando basicamente nas Ciências Exatas e Engenharias. Muitos alunos desses cursos, após o processo de interiorização, já terminaram o curso, já estão com empregos garantidos. Muitos estão terminando o doutorado. Tem alunos do interior, hoje, fazendo o [programa] Ciências Sem Fronteiras nos Estados Unidos, na Alemanha, na França. Temos alunos passando em importantes concursos de mestrado das principais instituições do Sul e do Sudeste, e entre os primeiros colocados. ◻